

Os emergentes

CORREIO BRAZILIENSE

André Gustavo Stumpf

1 Com. Brasil
26 JUN 1997

No Rio de Janeiro, eles são chamados de emergentes. Em Brasília, eles não são percebidos, na cidade que mistura o cidadão comum à autoridade. No Nordeste, os novos consumidores não constam, ainda, dos estudos e das tabelas dos institutos de pesquisa. O fato é que, hoje, é preciso desconfiar do baixo-astral reinante nos tradicionais agentes da economia na região e no país.

Ocorre que o dinheiro mudou de mãos. Os economistas do governo atiraram numa direção e acertaram em outra. Os emergentes, que são informais, pequenos comerciantes e gestores de empresas médias estão dando um novo fôlego ao programa econômico-financeiro do governo. O empresário tradicional faliu ou se encontra em grandes dificuldades. Boa parte vendeu suas empresas para o capital estrangeiro.

Mas são eles, por sua tradição, que mantêm um contato perma-

nente com a mídia. Contam as novidades aos jornalistas. Surge aí o baixo-astral, que se verifica, por exemplo, em todo o Nordeste e, em especial, em Pernambuco. Há uma chorradeira generalizada em relação ao desenvolvimento dos aqui chamados estados do Sul em relação à região. O chororô vem de empresários que perderam seus negócios por causa das altas taxas de juros, da concorrência e da competição. Eles não estavam preparados para enfrentar nenhum dos três quesitos. Comandaram, durante décadas, cartórios inatingíveis. Um exemplo é típico: os países asiáticos, situados em zona tropical, ameaçam colocar o coco verde, no Nordeste, a sete centavos a unidade. O preço médio, aqui, é de cinquenta centavos.

Lá se vai mais um cartório ladeira abaixo. O processo de globalização é doloroso, porque impõe ajustes. No entanto, é ainda mais

agressivo quando os agentes não compreendem o que se passa. Será sempre possível, como ocorreu em Alagoas — na situação mais radical —, comprometer tesouro estadual na tentativa de defender alguns privilégios isolados de empresários que foram ficando pelo caminho, além de garantir algum para os intermediários. Mas esse tipo de manobra começa a ser fiscalizado e será cada vez mais difícil de ser realizado. Estamos começando a chegar perto da situação em que o malandro será menos desonesto por malandragem.

O instituto de pesquisa Datamétrica, de Recife, fez uma pesquisa com 2.500 entrevistas, entre os dias 12 e 15 de junho deste ano, e descobriu que 65% dos pernambucanos acham que o Plano Real é um sucesso. Encontrou uma taxa de 28% de reprovação. Curiosamente, o nível de aprovação é maior (49%) entre os

analfabetos e semi-alfabetizados do que entre os de nível superior (26%). Isso significa que aqueles de menor renda têm melhor expectativa quanto a estabilidade financeira. Os receios de que o plano desabe são os mesmos: recessão, desemprego e desvalorização do real. Enfim, gosta mais do real quem ganha menos. Ou seja, quem não consumia nada e agora está podendo comprar até antena parabólica bate palmas para a nova ordem.

O choro tem origem definida. Antes era possível fazer fortuna na ciranda financeira, que, naturalmente, só era acessível a quem já tinha dinheiro. Quem não possuía renda era impedido de participar da corrente da felicidade. Agora, ao menos, todo mundo tem que trabalhar. E competir. Muita gente, no Brasil, não está acostumada a isso.

■ André Gustavo Stumpf é jornalista